

- FORTE DE -
SANTA CATARINA

Imagem de um território

- FORTE DE -
SANTA CATARINA

Imagem de um território

TÍTULO

Forte de Santa Catarina - Imagem de um Território

TEXTOS INSTITUCIONAIS

João Ataíde | Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz

Margarida Perrolas | Chefe da Divisão de Cultura do Município da Figueira da Foz

TEXTOS

Manuela Silva | Técnica Superior da Divisão de Cultura do Município da Figueira da Foz

Marco Penajoia | Arqueólogo | Investigador CHSC-UC - Centro de História da Sociedade e da Cultura | Univ. de Coimbra

Marta Furtado | Antropóloga | Investigadora CIAS-UC - Centro de Investigação em Antropologia e Saúde | Univ. de Coimbra

Pedro Roquinho | Arqueólogo

Ricardo Vieira de Melo |Arquiteto | RVdM arquitetos Lda.

Vasco Gil Mantas | Professor CECH - Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos | Univ. de Coimbra

Nota: os artigos inseridos nas páginas 10 e 42 não seguem o acordo ortográfico de 1991 por opção dos seus autores.

CRÉDITOS

Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz

Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz

Ricardo Vieira de Melo

FG+SG Fotografia de Arquitetura

DESIGN GRÁFICO

Nuno Caniça

ISBN

978-989-658-568-6

DEPÓSITO LEGAL

000

DATA DE EDIÇÃO

Dezembro de 2018

EDIÇÃO



Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, SA.

Tel. (+351) 219 817 960

caleidoscopio@caleidoscopio.pt

www.caleidoscopio.pt



figueira
da foz. para todos

- 7 Forte de Santa Catarina
JOÃO ATAÍDE
- 9 Valorização de um Território
MARGARIDA PERROLAS
- 10 Notas em torno da representação da Foz do Mondego
no Atlas de Pedro Teixeira Albernaz
VASCO GIL MANTAS
- 20 Santa Catarina: Capela, Forte e Farol
Imagem de um território
MANUELA SILVA
- 42 Forte de Santa Catarina – Figueira da Foz
**Intervenção arqueológica decorrente da obra
de requalificação do monumento**
PEDRO ROQUINHO
- 48 Contributos para a Arqueologia da Arquitetura
no Forte de Santa Catarina
Análise de grafitos históricos
MARCO PENAJÓIA | MARTA FURTADO
- 60 Projeto de Arquitetura
RICARDO VIEIRA DE MELO



Contributos para a Arqueologia da Arquitetura no Forte de Santa Catarina

Análise de grafitos históricos

MARCO PENAJÓIA | MARTA FURTADO

Em abril de 2016¹ foi apresentado um breve levantamento enquadrado na Arqueologia da Arquitetura, do Forte de Santa Catarina [1]. Analisámos grafitos, marcas de canteiro e negativos parietais, que ainda se preservam em cota positiva².

Este estudo³ encontra-se em curso e, nesse sentido, efetuaremos uma abordagem inicial dos registos mais significativos.

De modo a contextualizar a temática⁴ dos grafitos, começamos por referir que esta traduz uma técnica que implica uma gravação de traços de profundidade reduzida e num suporte, na maioria dos casos, rígido e com alguma complexidade⁵. Os seus suportes são de variada ordem, destacando-se “paredes, diretamente nos silhares ou nas argamassas, sobre afloramentos rochosos, em cerâmicas e outros. De técnica, pode ser gravado, desenhado ou pintado. Quanto ao tema, este pode ser figurativo, ou apresentar

texto”⁶. “O feitor desta gravação poderia dispor de vários instrumentos⁷, tais como: malhos; maços; ponteiros ou cinzéis; martelos; escopros; escodas; buril, entre outros”⁸.

A dimensão cronológica desta realidade estabelece-se na longa diacronia mas, se nos focarmos nas especificidades geográficas e geomorfológicas do nosso território, percebemos que elas alcançam uma realidade cultural mais específica – a náutica. Neste caso, é fulcral referir o sítio arqueológico de Santa Olaia e a sua ligação ao mundo fenício. Um fragmento cerâmico proveniente deste sítio revelou uma embarcação grafitada⁹, demonstrando que o contexto náutico era de facto um elemento cultural relevante¹⁰. No período romano também é possível, por exemplo, testemunhar na nossa costa marítima, nomeadamente em Tróia, um conjunto significativo de grafitos¹¹. Já para a Alta Idade Média, destacamos os recentes achados no castelo de Alcácer do Sal, onde se incluem também embarcações¹².



1634

1703

1773

17_

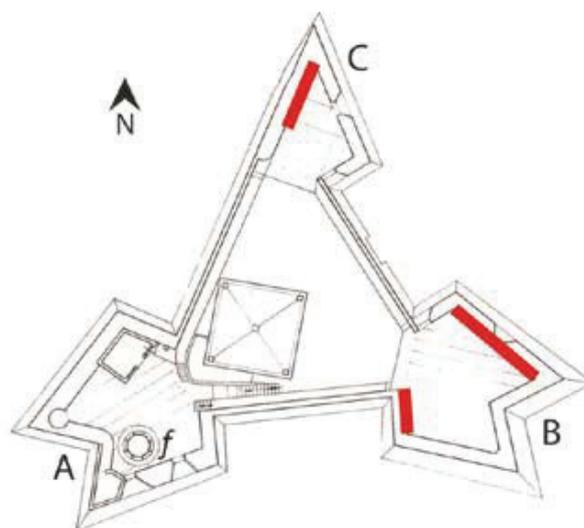
1801

Neste período, é comum o registo de barcos em sítios junto à costa, situação verificada quer no universo muçulmano, quer no universo cristão¹³. Genericamente, as investigações nesta área têm demonstrado que, na Europa, os séculos XIV e XVI foram aqueles em que se assinalou um quadro de maior regularidade e qualidade destas gravações, sobretudo em estruturas de escala monumental, nomeadamente em muralhas, torres, igrejas e outros¹⁴.

Dentre a temática de base náutica, que neste caso é fundamentalmente o nosso objeto de estudo, é de destacar que estes registos podem manifestar-se noutras simbologias associadas, tais como “figuras humanas, zoomorfos, motivos vegetais ou geométricos (corações, estrelas, rosetas, cruces)”¹⁵, ou ainda, “selos de salomão, rosas bresapétalas, pentágonos, pentalfas, hexalfas”¹⁶.

Iniciando a análise ao nosso conjunto esquemático, a nossa metodologia¹⁷ passou por identificar as várias linhas desenhadas num “varrimento visual” da esquerda para a direita, em espaçamentos de um metro. Aplicámos a fotografia ortogonal, à qual associámos o recurso ao ambiente noturno, com luz rasante e uma combinação de sombras apropriada¹⁸.

O conjunto de grafitos identificado estabelece-se no piso superior do forte de Santa Catarina, sobretudo em três sectores das paredes internas dos baluartes [2]. De notar que as argamassas originais¹⁹ onde se encontram estas marcas históricas apresentam-se, em determinadas zonas, cortadas por rebocos recentes. Situação esta que é, no entanto, anterior à reabilitação recentemente operada. Estes revestimentos registam-se, principalmente, entre o piso de circulação atual e a parte inferior dos grafitos, o que impossibilitou a leitura integral destes motivos.



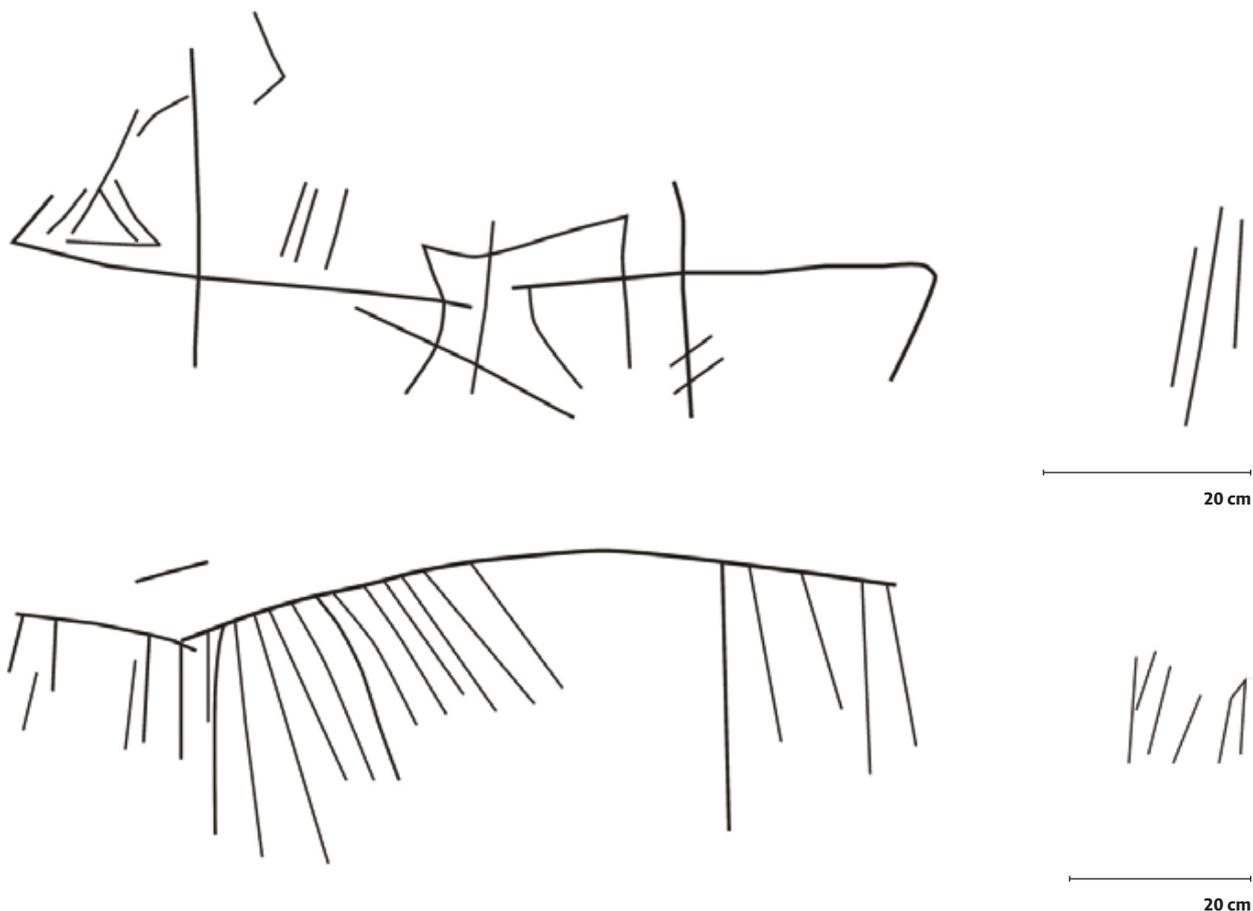
- 1 Localização do Forte de Santa Catarina no decurso de alguma cartografia histórica. Excertos de: Pedro Teixeira Albernaz – 1634 (PEREDA, Felipe; MARÍAS, Fernando 2003); Instituto Geográfico Português (CA 320, CA 88); Biblioteca Nacional do Brasil (cart514095) e Instituto Geográfico Português (CA 325).
- 2 Forte de Santa Catarina. Planta de localização dos grafitos (a vermelho), A - Baluarte Poente (do farol); B - Baluarte Nascente; C - Meio Baluarte Norte; f - Farol.

Adaptado do SIPA. [[http://www.monumentos.gov.pt/SITE/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2711,19/11/2017 13:12](http://www.monumentos.gov.pt/SITE/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2711,19/11/2017%2013:12)].



5 cm

- 3 Baluarte Nascente, parede Oeste.
- 4 Registo correspondente a um possível monograma – MA (Baluarte Nascente). Escala 5 cm.



- 5 Grafitos de embarcações do lado esquerdo da parede Oeste (Baluarte Nascente). Escala 20 cm.
- 6 Registos parciais de embarcações do lado direito da parede Oeste (Baluarte Nascente). Escala 20 cm.

No baluarte Nascente, na parede Oeste [3], observámos várias linhas estilizadas/incisas, com 3,66 m de comprimento e a cerca de 30/40 cm do nível de circulação atual, representando parte de embarcações, e um registo correspondente a possível monograma [4]. Na parte mais à esquerda desta parede encontram-se traços, alguns deles bem marcados, com cerca de 2/3 mm de profundidade, que parecem evidenciar mastros e velas [5]. Alcançam uma largura aproximada de 90 cm e, no que diz respeito à estratigrafia mural, a argamassa dos grafitos apresenta matizes cromáticas²⁰, entre o alaranjado e o rosado²¹. Note-se que este revestimento encontra-se cortado por rebocos mais recentes.

Sensivelmente a meio da parede, verificámos o monograma com duas letras sobrepostas, designadamente “MA” [4]. Este elemento mede 5,50 cm de largura por 6,50 cm de altura e demonstra um certo cuidado na elaboração dos traços. Na parte mais à direita desta parede, verifica-se o que poderá ser a maior embarcação grafitada (1,57 m) de todo o conjunto [6]. Trata-se de incisões que, à partida, estão relacionadas com o velame e o cordame deste barco. Identificámos aproximadamente 30 traços verticais, os mais marcados com cerca de 3 mm de profundidade, e cerca de três traços horizontais, um deles de grande dimensão (81 cm).



7 Grafitos da parede Este (Baluarte Nascente). Escala 20 cm.

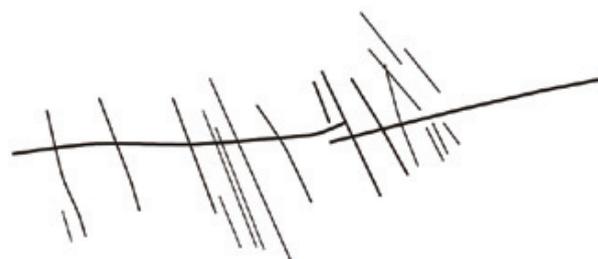
8 Desenho vetorial dos grafitos da parede Este (Baluarte Nascente). Escala 10 cm.



- 9 Registo de milésimo “1668” identificado na parede Este (Baluarte Nascente). Escala 5 cm.
- 10 Análise dos grafitos identificados no meio baluarte Norte. Escala 10 cm.



5 cm



10 cm

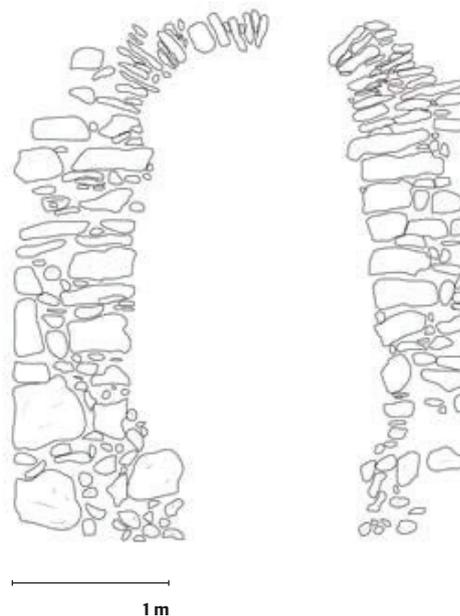
Ainda no mesmo baluarte, na parede Este [7] (com 8,40 m de comprimento), analisaram-se várias linhas, que parecem corresponder a uma ou várias embarcações. Aqui, é evidente a representação de um ou dois cascos²², o mastro, o velame, o cordame e uma possível rede de pesca. O traço que representa o mastro é o mais marcado (3/4 mm) e, possivelmente, o último a ser executado, uma vez que corta todo o desenho. O traçado do casco sugere a representação da proa à esquerda evidenciando, assim, uma possível marcha da embarcação no sentido da direita para a esquerda. Junto a este barco encontram-se ainda dois desenhos (bastante erodidos) que sugerem a representação de velas²³ [8]. No que diz respeito à argamassa original, constata-se um tom alaranjado²⁴, com uma coloração mais esbranquiçada²⁵ nas zonas de fratura e erosão. No lado direito deste barco está

inscrito o milésimo de “1668”, a sensivelmente 45 cm de altura (média) do piso de circulação, medindo cerca de 10 cm de largura e 9 cm de altura [9]. Junto ao milésimo estabelecem-se vários traços, que podem corresponder à parte superior de uma embarcação (mastro e velame), ou expressar simplesmente linhas de contagem [8].

Na posição do meio baluarte Norte deste forte encontram-se também grafitos que continuam a sugerir o enquadramento náutico. Detetámos linhas que podem relacionar-se com o cordame e o velame de uma embarcação, ou evidenciar traços de contagem. Esta gravação mede cerca de 50 cm e apresenta, aproximadamente, duas linhas horizontais e 16 linhas verticais²⁶ [10]. Quanto à argamassa, as suas características são similares às descritas no baluarte Nascente.



11 Definição do vão entaipado identificado no paramento exterior da muralha Sul. Escala 1 m.



Retomando a análise do alfabetiforme gravado no baluarte Nascente, parece tratar-se de um monograma que salienta a sigla “M” e “A”²⁷. A hipótese em torno de uma figura geométrica parece-nos pouco provável. Este monograma, para além de criar uma simbologia, o que sugere uma associação a fundamentos devocionais, pode também relacionar-se com assinaturas oficiais ou enquadrar-se nos registos de marcas de canteiro. A combinação deste monograma com a inscrição do milésimo de “1668” (ainda que esta última esteja registada noutra sector) pode levar-nos a equacionar a oficialização de um evento, que neste caso concreto poderia ser a finalização de uma edificação, de um paramento construtivo, ou simplesmente de uma reabilitação pontual. Esta última realidade foi certamente recorrente, dada a necessidade de adaptação e manutenção de um sistema defensivo, particularmente indispensável no território do Baixo Mondego.

No período medieval, os habitantes desta área geográfica, nomeadamente de Buarcos, tinham a necessidade de se protegerem nas muralhas de Montemor-o-Velho e sujeitarem-se a tarifas relativas à sua conservação²⁸, sendo que na Época Moderna esta situação de proteção continua a denotar alguma instabilidade. Em 1630, uma carta de Diogo Martins – juiz de Montemor-o-Velho – ao rei, reflete a incapacidade defensiva deste território perante uma invasão de 77 *lanchas mouriscas na vila de Buarcos*²⁹. Tendo em conta a relativa

proximidade de datas (1630-1668), este episódio terá certamente potenciado a necessidade de um reforço/reabilitação defensivo deste território e da foz do Mondego, nomeadamente na posição geoestratégica da fortificação de Santa Catarina. A dinâmica desta barra reflete bem a carência de mais um ponto nevrálgico na cartografia protetória desta foz. Isso está bem patente, não só na edificação deste baluarte, como também na sua adaptação e recuperação ao longo do tempo. Nesta linha podemos justificar outros sinais de adaptações/reabilitações arquitetónicas neste amuralhado. Através da análise da estratigrafia de cota positiva, verificámos marcas de um vão em arco de volta perfeita entaipado. Este situa-se no paramento exterior da muralha com orientação a Sul (entre o baluarte Poente e Nascente), e que poderia comunicar diretamente com a capela de Santa Catarina [11].

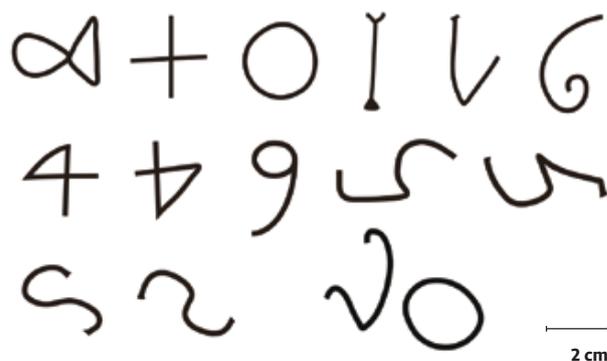
Já vimos noutra artigo que, em 1602, o forte terá sido saqueado por corsários ingleses, o que demonstra alguma fragilidade defensiva. D. João IV promove, com o apoio de engenheiros militares, obras complementares que têm início em 1643, no sentido de colmatar certas lacunas³⁰. Neste sentido, parece-nos oportuno equacionar a hipótese de a inscrição (1668) poder estar relacionada com o lastro destas obras. Outra questão pertinente prende-se com o estado de ruína a que esta estrutura chegou alguns anos depois deste ciclo de ajustamentos, mais precisamente em 1680³¹. O que terá

motivado este aparente declínio estratégico neste intervalo de tempo? Não nos é possível, por agora, aprofundar esta problemática. Contudo, não podemos deixar de tecer algumas considerações acerca das razões que podem ter influenciado esta realidade. Uma das hipóteses relaciona-se com a evolução mercantil e com o sistema de tributação aduaneira na foz do Mondego³². Sabemos que esta questão não foi pacífica, nomeadamente no que se refere ao local de tributação preferencial. Por um lado, tínhamos a casa aduaneira de Buarcos³³ e, por outro lado, o lugar da Figueira (atual foz do Mondego), que por vontade régia se foi afigurando como sítio de primeira escolha para a tributação mercantil. Terá esta política de funcionamento influenciado um aparente abandono da estrutura tributária da Figueira e, por consequência, da sua linha defensiva mais próxima – o forte de Santa Catarina?

Por fim, não podemos deixar de destacar a questão das condições naturais, nomeadamente as possíveis alterações geomorfológicas, que são sempre uma realidade no estudo da evolução das linhas de costa. Na área portuária e barra da Figueira, a acumulação das areias³⁴ projetou uma clara dificuldade para o movimento náutico. Esta situação conduziu a sucessivos trabalhos realizados, por exemplo, os decorridos entre 1842 a 1859, dos quais se destaca o papel fundamental do eng.º Francisco Pereira da Silva³⁵. Sabemos que no ano de 1857 a barra ter-se-á deslocado cerca de 1 km para Sul do forte, determinando o quase total desaparecimento da sua praia, determinando o quase total desaparecimento da sua praia. Estas obras na barra, no sentido de aproximar o antigo curso das águas, passaram pela execução de alterações, tais como: destruição de rochas da praia do forte (onde estas poderiam ser convertidas em cal ou ser transformadas em muralha); construção de um paredão; ou de vários aterros defendidos do mar através de possantes muros³⁶. Ainda assim, mesmo verificando-se um declínio funcional, motivado por uma conjugação de transformações de ordem natural e antrópica, o forte continuou a manter um contacto com o circuito náutico³⁷. Basta, para isso, observar a dinâmica náutica que ainda se registava, sobretudo, na primeira metade do séc. XX [12].

Ainda no decurso desta avaliação preliminar, foi possível observar outras marcas históricas, que se coadunam com marcas de canteiro [13-14].

A dimensão destes vestígios constitui uma das realidades mais prementes para o estudo do património, sendo que nos últimos anos temos vindo a assistir a um crescendo de estudos nesta matéria. O seu potencial histórico é elevado, pois alcança, de uma forma genérica, quase todo o edificado monumental, militar e religioso construído no passado.



12 Lugre a sair da barra (visto do Cabedelo). Coleção Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz.

13 Marcas de Canteiro identificadas no Forte de Santa Catarina. Escala 2 cm.

14 Pormenor das siglas de canteiro identificadas, sobretudo nas faces externas dos ângulos dos baluartes. Escala 10 cm.



15 Missa campal no Forte de Santa Catarina. Coleção particular.

A funcionalidade destes registos poderia ser diversa, e sobretudo de dois níveis distintos: as marcas operativas relativas a uma obra, e as marcas de uma componente identitária, como era o caso dos monogramas relativos ao oficial/mestre de obra que eram gravados normalmente em zonas de destaque. Portanto, temos aqui uma linha de compreensão para a justificação funcional de várias siglas, que se apresentam em diversas estruturas históricas. A importância de registar cada canteiro permitiria um controlo e o seu respetivo pagamento. Possibilitava a identificação individual de um determinado mestre ou oficina ou, pelo contrário, poderia remeter para um enquadramento sigiloso, expressivo de novas normas artísticas/construtivas emergentes.

Estas marcas de canteiro no forte de Santa Catarina identificam-se, sobretudo, nas faces externas dos ângulos³⁸ dos baluartes [14], onde a pedra é bem facetada, denotando calibre e dimensão assinaláveis. Nesta avaliação inicial detetámos 12 siglas distintas³⁹ [13]. De realçar que um destes vestígios é muito similar a um dos registos identificados recentemente no castelo de Montemor-o-Velho⁴⁰ [13] (marca sup. esq.).

Algumas hipóteses podem ser escrutinadas para o aparecimento destes grafitos, sobretudo as embarcações e os prováveis motivos de pesca. Em primeira análise, podemos relacioná-los com a evidente proximidade com o mar, fator que

se revela no entanto discutível, uma vez que existem muitas marcas com estas características longe do oceano⁴¹. Uma hipótese a destacar é a sua associação com questões de ordem bélica ou devocional⁴², das quais destacamos os ex-votos, que definem uma forma de agradecer à divindade a proteção dos perigos do mar⁴³ (oferendas). Exemplo desta realidade são as embarcações e um cavalo grafitado, presentes na igreja do mosteiro de Santa Clara-a-Velha (Coimbra). Estas manifestações podem enquadrar-se nos pedidos de «peregrinos» para que uma viagem de promessa se concretizasse com sucesso⁴⁴. Assim se poderia equacionar a possibilidade de o monograma “MA” estar relacionado com um pedido devocional⁴⁵.

A motivação para o registo deste grafito poderia passar também, como já referimos, por uma questão autoral associada ao *terminus* e remate de construções de considerável envergadura, ou por uma abordagem unicamente lúdica⁴⁶.

Não podemos deixar de referir a importância que estudos interdisciplinares, nomeadamente entre a arqueologia naval e a etnologia⁴⁷ podem encetar para a compreensão desta iconografia antrópica e simbólica. Depois de tratada a dimensão funcional e técnica de uma estrutura defensiva, há que equacionar os restantes pluralismos da sua evolução histórica. Nesse sentido, entram no campo de análise as particularidades deste território, o seu contexto socioeconómico, que ao longo do tempo foi pautado por dinâmicas



16 Fotografia representando a comemoração do Centenário da Guerra Peninsular 1808 - 1908. Coleção Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz.

portuárias e de construção naval diferenciadas, bem como por “comunidades de marinheiros, pescadores com as suas práticas sociais, culturais e religiosas específicas”⁴⁸.

É premente continuar a realizar estudos desta natureza. Muitas marcas históricas murais foram totalmente ou parcialmente negligenciadas ao longo dos anos. A reabilitação e conservação realizadas nestes edifícios nem sempre levaram em devida consideração a importância destes registos. Assim, torna-se indispensável examinar e comparar com rigor determinados aspetos técnicos. Falamos, por exemplo, da profundidade e espessura do traço dos diferentes grafitos, no sentido de perceber qual o instrumento mais provável para a realização daquele motivo⁴⁹. Destacamos ainda a importância de avaliar a composição morfológica/construtiva e os aspetos físico-químicos da argamassa. Tal permite-nos identificar, o mais aproximadamente possível, a *receita* original deste revestimento militar histórico. Este ensaio poderá contribuir tecnicamente para um fabrico mais acertado do revestimento a utilizar na conservação do edificado com este enquadramento. Poder-se-á, assim, equacionar a possibilidade da criação de um projeto piloto a aplicar numa larga escala⁵⁰.

Tendo em conta a relevância destes vestígios, e verificando-se que se encontram demasiado expostos a fatores de degradação, revela-se essencial criar medidas que contribuam para a conservação e preservação deste património.

FONTES

FONTES MANUSCRITAS

- Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz. Biblioteca Pedro Fernandes Tomás, “Sala Figueirense”. Livro de Actas das Sessões da Câmara Municipal da Figueira da Foz, nº55, 1908.

FONTES ICONOGRÁFICAS

- Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz
“Comemoração do Centenário da Guerra Peninsular”, fotografia nº 0191, caixa nº 11.
“Lugre saindo da Barra da Figueira, visto do Cabedelo”, fotografia nº 0260, caixa nº 29.

FONTES CARTOGRÁFICAS

- Instituto Geográfico Português
Instituto Geográfico Português - BORRÃO DE CAMPO, E PLANTA TOPOGRÁFICA/ do Sítio da Mina do Carvão de Pedra no Promontório do Mondego, e das terras/ circunvezinhas de Quiayos, Buarcos, e Figueira, sua Barra, Porto, Sondas &... POR ORDEM DO ILLmo. E Exmo. SENHOR MARQUES/DE POMBAL MINISTRO E SECRETARIO DE ESTADO. IGP – www.igeo.pt, CA 88, 1773.
MAC BOA, M. A. - Mappa topografico do rio Mondego, no estado em que se achava no principio de Fevereiro de 1801. Mandado tirar por ordem da Faculdade de mathematica. Escala [ca. 1:1 100], 800 palmos = [15,5 cm]. Instituto Geográfico Português – www.igeo.pt, CA 325, 1857.
SILVA, Manoel Mexia; FORTES, Manoel de Azevedo - Planta do Rio Mondego, desde Coimbra até ao mar. [Rectificada em 1747 e copiada em 1780]. Instituto Geográfico Português – www.igeo.pt, CA320, 1703.
- Monografias
PEREDA, Felipe; MARIAS, Fernando (ed.) *El Atlas del Rey Planeta: La “Descripción de España y de las costa y puertos de sus reinos”* de Pedro Teixeira (1634). 3ª ed. San Sebastián: Nerea, 2003.

FONTES DIGITAIS

- Biblioteca Nacional do Brasil - BNDigital [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart514095/cart514095.jpg, 25/05/2018 14:45].
- SIPA – Sistema de informação para o Património Arquitetónico [http://www.monumentos.gov.pt/SITE/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2711, 19/11/2017 13:12].

BIBLIOGRAFIA

ALONSO ROMERO, F. – Los testimonios más antiguos de los medios de navegación entre el Mediterráneo y el Atlántico: Las embarcaciones de juncos en arte rupestre de Península Ibérica. *Mediterráneo*. 2 (1993) 265-284.

- BARRERA MATURANA, J.I. – Iconografia marginal: grafitos históricos en la casa nazari de calle Buenaventura, 2 (Granada). *De Arte*. 7 (2008) 153-166.
- BARROCA, Mário Jorge – *Epigrafia medieval portuguesa: 862-1422*, 3 vol. em 4 tomos (Textos universitários de ciências sociais e humanas). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- BAZZANA, André e LAMBLIN, M.P (ed.) – *Los graffiti médiévaux des Castell de Dénia*. Catálogo. Dénia: Publicaciones Museo Arqueológico, 1984.
- BAZZANA, André – Les graffiti de bateaux dans al-Andalus et au Maghreb al-Aqsá. *Les Cahiers de l'Urbanisme. Mélanges d'archéologie médiévale, Liber amicorum en hommage à André Matthys*. Hors série (2006) 16-34.
- BRANCO, Manuel J. C. e BILIOU, Francisco (ed.) – *Inscrição e grafitos medievais no castelo de Arraiolos*. Arraiolos: Câmara Municipal, 2011.
- CASCÃO, Rui De Ascensão Ferreira – “Figueira da Foz e Buarcos entre 1861 e 1910. Permanência e mudança em duas comunidades do litoral”. Coimbra – Figueira da Foz, Centro de Estudos do Mar e das Navegações – Câmara Municipal da Figueira da Foz – Livraria Minerva, 1998.
- CHARREU, Leonardo – Siglas medievais de Estremoz: apontamentos de gliptografia medieval portuguesa. *al-madan*. 6, 2.ª série (1997) 132-138.
- COTTART, Nicole Danièle e CARVALHO, António Rafael – Os grafitos da muralha Almóada de Alcácer do Sal. *Comimbriga*. XLIX (2010) 183-223.
- DIAS, Geraldo J. A. Coelho – “O Mar e os Portos como catalisadores de religiosidade”. *O Litoral em Perspectiva Histórica (Séc. XVI a XVIII)*. Porto, Instituto de História Moderna (2002) 275-283.
- ENCARNAÇÃO, José d' et al. – A Epigrafe Latina Como Elemento Didáctico (XXXI): Escrever nas paredes... *Boletim de Estudos Clássicos*, Vol. 57 (2012) 51-57.
- FILGUEIRAS, Octávio Lixa – “A arte da construção no estudo das tradições navais”. *Separata de Studium Generale*, Vol. V, Porto (1958).
- FRANZINI, Marino Miguel – *Roteiro das Costas de Portugal ou instruções náuticas: para inteligência e uso da carta reduzida da mesma costa, e dos planos particulares dos seus principais portos*... Lisboa, Imprensa Regia, 1812.
- GAMITO, Teresa et al. – “A Sé de Silves: a memória da pedra”, *Arqueologia Medieval*, 5, Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento (1997) 277-293.
- GOMES, Saul António (Coord.) – *Buarcos, Forais*. Figueira da Foz, Câmara Municipal da Figueira da Foz, 2017.
- GRAÇA, António dos Santos – *Inscrições Tumulares por Siglas*. Póvoa de Varzim: Edição do autor, 1942.
- LOUREIRO, Adolfo – “Memória sobre o Mondego e Barra da Figueira”. *Revista de Obras Publicas*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1874.
- MARQUES, Alfredo Pinheiro – *Inscrições Medievais no Castelo de Olivença: Deixadas por mãos portuguesas na Torre de Menagem do Século XIV aumentada pelo “Príncipe Perfeito” Dom João II*. Montemor-o-Velho: Centro de Estudos do Mar, 2000.
- MARTINIANO, R.; FEITOSA, Y.; ABADE, A. e MANCO, L. – Y-chromosome diversity in central Portugal reveals signatures of ancient maritime expansions. *Anthropologischer Anzeiger-Journal of Biological and Clinical Anthropology*. 70, 4 (2013) 355-367.
- MELO, José Brandão Pereira de – *Subsídios para a História Militar da Figueira da Foz*. Figueira da Foz, Gráfica de Coimbra, 1963.
- MONTEIRO, João Gouveia – *Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*. Coimbra, FLUC, Edições Colibri, 1999.
- PENAJÓIA, Marco – *A Questão portuária em torno de Montemor-o-Velho: Estudo de Arqueologia*. Coleção Memória e Identidade, Montemor-o-Velho: Câmara Municipal, 2012.
- PENAJÓIA, Marco – Grafitos, inscrição árabe e outras marcas históricas identificados no castelo de Montemor-o-Velho. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. 14 (2014) 231-252.
- PEREIRA, João Cordeiro – *Portugal na era de Quinhentos: Estudos vários*. Cascais, Câmara Municipal, 2003.
- PIMENTEL, Luís Serrão – *Methodo Lusitanico de desenhar as fortificações das praças regulares, & irregulares*... Lisboa, na impressão de Antonio Craesbeek de Mello, 1680.
- República Portuguesa – Direcção Geral da Marinha, 3ª Repartição – *Lista dos faróis, sinais sonoros e bóias luminosas no continente e ilhas adjacentes*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1915.
- RIETH, Eric – Octávio Lixa Filgueiras: um antropólogo de arquitectura naval de vernáculo português in GARRIDO, Álvaro – *Barcos de Portugal – obras selecionadas de Octávio Lixa Filgueiras*. Ílhavo: Câmara Municipal; Museu Marítimo, 2013, p. 7-15.
- ROCHA, António dos Santos – *Materiais para a História da Figueira nos séculos XVII e XVIII*. Figueira da Foz, Casa Minerva, 1893.
- ROQUINHO, Pedro – *Restauro, Reabilitação e Qualificação do Interior do Forte de Santa Catarina – Figueira da Foz 2015. Sondagem e acompanhamento arqueológico – Relatório Final*. Coimbra, 2016.
- SILVA, António Arthur Baldaque da – *O engrandecimento da região central de Portugal: representação dirigida ao Congresso Nacional da República Portuguesa sobre o engrandecimento da Beira e a construção do Porto Oceânico Commercial do Cabo-Mondego*. Lisboa, Centro Tipográfico Colonial, 1913.
- SILVA, Francisco Maria Pereira da – *Relatório das Obras para Melhoramento da Barra e Porto da Figueira*. Lisboa, 2ª Ed., Imprensa Nacional, 1865.
- SILVA, J. Possidónio da Silva – *Memória Arqueológica sobre o verdadeiro significado das siglas gravadas sobre os antigos monumentos de Portugal*. Ericeira, Sol Invictus, 2ª Edição, 1995.
- SIMÕES, Augusto Philippe – *Cartas de Beira Mar*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1867.
- SOUTO, Juan – Marcas de cantero, graffiti y 'signos magicos' en el Mundo Islamico: panoramica general. *Actes du Ve colloque International de glyptographie*, I. Pontevedra, 1988, p. 463-486.
- VILAÇA, Raquel – Considerações sobre cerâmica pré e proto-históricas do território português. *Actas do Colóquio A produção de cerâmica em Portugal: Histórias com futuro*. Museu de Olaria/ Município de Barcelos (2007) 7-26.

NOTAS

- 1 Ciclo de Conferências “Temas de Arqueologia” – “O complexo portuário de Montemor-o-Velho: povoamentos, territórios e dinâmicas do Mondego” – Marco Penajoia. Câmara Municipal da Figueira da Foz | Museu Municipal Dr. Santos Rocha.
- 2 A recente intervenção realizada neste monumento, pela empresa *In Situ – Conservação de bens culturais, LDA.*, terá identificado estes registos. Contudo, até à data, não nos foi possível consultar o relatório final dos trabalhos.
- 3 Aproveitamos para agradecer ao executivo da CMFF, nomeadamente à Dr.ª Margarida Perrolas, bem como à equipa técnica da Divisão de Cultura (Dr.ª Manuela Silva e Dr.ª Ana Margarida Ferreira) o convite que nos foi proposto. Agradecemos também ao Dr. José Franco pelo apoio na observação de alguns grafitos. De salientar que se encontra em curso a intervenção arqueológica no âmbito da “Limpeza e conservação das muralhas do Forte de Santa Catarina” DRCC/CMFF, cuja responsabilidade científica se encontra a cargo de Marco Penajoia e Bruno Freitas.
- 4 Realizámos recentemente um estudo que aborda esta problemática: PENAJÓIA, Marco – Grafitos, inscrição árabe e outras marcas históricas identificados no castelo de Montemor-o-Velho. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. 14 (2014) 231-252.
- 5 BAZZANA, André – Les graffiti de bateaux dans al-Andalus et au Maghreb al-Aqsá. *Les Cahiers de l'Urbanisme. Mélanges d'archéologie médiévale, Liber amicorum en hommage à André Matthys*. Hors série (2006) 16-34.
- 6 BARROCA, Mário Jorge – *Epigrafia medieval portuguesa: 862-1422*, 3 vol. em 4 tomos (Textos universitários de ciências sociais e humanas). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, Vol.I: 25.
- 7 A partir dos vestígios de talhe da pedra, é possível destacar alguns instrumentos para determinadas épocas: pré-romano e romano – o pingo; medieval – a escoda; e mais tarde no barroco – o cinzel (GAMITO, Teresa et al. – “A Sé de Silves: a memória da pedra”, *Arqueologia Medieval*, 5, Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento (1997) 277-293).
- 8 BARROCA, 2000, Vol. I: 122-126.
- 9 Investigação a ser realizada pela equipa do Museu Municipal Dr. Santos Rocha, nomeadamente pela Dr.ª Isabel Pereira e Dr.ª Ana Margarida Ferreira.
- 10 Veja-se o seguinte trabalho: VILAÇA, Raquel – Considerações sobre cerâmica pré e proto-históricas do território português. *Actas do Colóquio A produção de cerâmica em Portugal*:

- Histórias com futuro*. Museu de Olaria/Município de Barcelos, 2007: 7-26. De salientar também um estudo de genética, que demonstrou a importância das migrações oriundas das rotas marítimas do Mediterrâneo, com a população litoral da região de Coimbra. Ficou assinalado o legado destes contactos ao nível da informação genética contida no cromossoma Y (MARTINIANO, R.; FEITOSA, Y.; ABADE, A. e MANCO, L. – Y-chromosome diversity in central Portugal reveals signatures of ancient maritime expansions. *Anthropologischer Anzeiger-Journal of Biological and Clinical Anthropology*, 70, 4 (2013) 355-367).
- 11 ENCARNAÇÃO, José d' et al. – A Epígrafe Latina Como Elemento Didáctico (XXXI): Escrever nas paredes... *Boletim de Estudos Clássicos*, Vol. 57 (2012) 51-57.
 - 12 COTTART, Nicole Danièle e CARVALHO, António Rafael – Os grafitos da muralha Almóada de Alcácer do Sal. *Comimbriga*. XLIX (2010) 183-223.
 - 13 SOUTO, Juan – Marcas de cantero, graffiti y 'signos mágicos' en el Mundo Islámico: panorámica general. *Actes du Ve colloque International de glyptographie*, I. Pontevedra, 1988: 463-486.
 - 14 BRANCO, Manuel J. C. e BILLOU, Francisco (ed.) – *Inscrição e grafitos medievais no castelo de Arraiolos*. Arraiolos: Câmara Municipal, 2011.
 - 15 BARRERA MATORANA, J.I. – Iconografia marginal: grafitos históricos en la casa nazari de calle Buenaventura, 2 (Granada). *De Arte*. 7 (2008) 155.
 - 16 SOUTO, 1988: 470.
 - 17 Vide CHARRÉU, Leonardo – Siglas medievais de Estremoz: apontamentos de gliptografia medieval portuguesa. *al-madan*, 6, 2.ª série (1997) 132-138.
 - 18 Recorremos pontualmente ao decalque por fricção sobre papel vegetal, sobretudo em traços demasiadamente ténues.
 - 19 Estas argamassas, à época, parecem evidenciar características de elevado cuidado e conhecimento técnico construtivo, certamente só ao alcance de mestres de obra experientes. Um exemplo é o método *cerzitado*, visível no seu acabamento e que, com mais de três séculos passados, continua estável e compacto. De salientar também que a recente empreitada de recuperação deste monumento preconizou algumas sondagens parietais, onde foi possível analisar de uma forma mais detalhada aspetos técnico/construtivos da argamassa (ROQUINHO, 2016: 7-9).
 - 20 As cores neste estudo foram determinadas com a tabela Munsell Colour Chart.
 - 21 (2.5Y 7/8; 5YR 7/4 - Munsell soil color chart).
 - 22 É de realçar a existência de embarcações grafitadas com a representação do casco em duas metades, uma superior e outra inferior, da proa à popa (ALONSO ROMERO, F. – Los testimonios más antiguos de los medios de navegación entre el Mediterráneo y el Atlántico: Las embarcaciones de juncos en arte rupestre de Península Ibérica. *Mediterráneo*. 2 (1993) 266, embarcação A.
 - 23 Estes traços podem também evidenciar possíveis representações de cetáceos?
 - 24 (2.5Y 7/8) - Munsell soil color chart).
 - 25 (7.5YR 8/0) - Munsell soil color chart).
 - 26 Veja-se a possibilidade destes traços estarem relacionados com remos ou o tabuado de uma embarcação, situação, ainda assim, pouco verosímil. Observe-se a similitude com alguns grafitos de Dénia (BAZZANA, André e LAMBLIN, M.P (ed.) – *Los graffiti medievales des Castell de Dénia*. Catálogo. Dénia: Publicacions Museo Arqueológico, 1984).
 - 27 Agradecemos ao Prof. Doutor Saul A. Gomes (FLUC) o apoio à leitura deste monograma.
 - 28 MONTEIRO, João Gouveia – *Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média*. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando. Coimbra, FLUC, Edições Colibri, 1999.
 - 29 PENAJOIA, Marco – *A Questão portuária em torno de Montemor-o-Velho: Estudo de Arqueologia*. Coleção Memória e Identidade, Montemor-o-Velho: Câmara Municipal, 2012.
 - 30 ROCHA, António dos Santos – *Materias para a História da Figueira nos séculos XVII e XVIII*. Figueira da Foz, Casa Minerva, 1993.
 - 31 [http://www.monumentos.gov.pt/SITE/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2711, 19/11/2017 13:12].
 - 32 Vide: PEREIRA, João Cordeiro – *Portugal na era de Quinhentos: Estudos vários*. Cascais, Câmara Municipal, 2003; PENAJOIA, 2012: 113-114; GOMES, Saul António (Coord.) – *Buarcos*. Forais. Figueira da Foz, Câmara Municipal da Figueira da Foz, 2017.
 - 33 Parece ter persistido até ao século XVIII.
 - 34 A corrente do rio Mondego levou ao arrastamento e deposição de imensas areias, facto que no princípio do séc. XIX projetou um declínio no porto e na barra da Figueira, ao ponto de até pequenas embarcações não conseguirem dar entrada. A utilização de bandeiras içadas no forte de Santa Catarina ajudaria as embarcações a esperarem por uma entrada mais segura (FRANZINI, 1812: 35-39). As cheias do Mondego ocorridas em 1840 levaram esta situação ao limite, motivando melhoramentos imediatos na barra e no porto com a publicação da carta de lei de 9 de Fevereiro de 1843 (SILVA, 1913: 50-51). Estes avanços e recuos no que respeita aos melhoramentos de acessibilidade náutica ao porto e barra não impediram que no ano de 1876 fosse constituída a Companhia Figueirense de Reboques Marítimos e Fluviais. Esta Companhia tinha como objetivo rebocar as embarcações que ficavam encalhadas nas áreas assoreadas (CASCÃO, 1998: 312).
 - 35 SILVA, Francisco Maria Pereira da – *Relatório das Obras para Melhoramento da Barra e Porto da Figueira*. Lisboa, 2ª Ed., Imprensa Nacional, 1865.
 - 36 SIMÕES, Augusto Philippe – *Cartas de Beira Mar*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1867, p. 143-145.
 - 37 Apesar dos sucessivos assoreamentos que vão continuando a assolar esta barra, nomeadamente no final do ano de 1872. Destaca-se o papel fundamental do eng.º Adolfo Loureiro (1874) na avaliação deste problema, que teimou em persistir por longos anos, ultrapassando mesmo a segunda metade do século XX. O farol foi o último elemento funcional que o forte recebeu em prol da navegação, sobretudo pelo seu auxílio à entrada das embarcações na barra. A 3ª *Repartição da Direcção Geral da Marinha* (1915: 8) indica o ano de 1886 para o seu *acendimento*, apesar de 1888 ser a data indicativa para a sua instalação. Possuía uma luz fixa de cor branca, com um alcance médio na ordem das 11 milhas, numa cota de 12,8 m acima do nível médio do mar. A sua torre circular em ferro de cor vermelha, hoje um cartão-de-visita da cidade, teria uma lanterna verde posicionada a 8,5 m do piso de circulação. Remata a mesma publicação que este farol conseguia iluminar todo o horizonte marítimo.
 - 38 Ângulo muito agudo com faces em forma de cauda de andorinha, nomeadamente nos baluartes poente (do farol) e nascente. Também identificámos marcas de canteiro nos degraus do perímetro exterior, próximo do baluarte poente, bem como no interior da capela (nicho do altar).
 - 39 Algumas delas similares às registadas por: SILVA, J. Possidónio Da – *Memória Arqueológica sobre o verdadeiro significado das siglas gravadas sobre os antigos monumentos de Portugal*. Ericeira, Sol Invictus, 2ª Edição, 1995.
 - 40 PENAJOIA, 2014.
 - 41 Gravadas, ocasionalmente, por indivíduos que outrora se relacionaram com o mundo náutico (BARRERA MATORANA, 2008: 160-161).
 - 42 Sabemos que, para além da capacidade de mirante sobre o mar, também ocorriam eventos religiosos (por exemplo, "a bênção do mar") e comemorativos no perímetro do forte de Santa Catarina **FIG. 15 e 16**. Agradecemos o apoio da Prof.ª Doutora Irene Vaquinhas (FLUC), do Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz (Paulo Matos), bem como da "Sala Figueirense" da Biblioteca Pedro Fernandes Tomás (Emília Calisto e Guilhermina Ferreira).
 - 43 BARRERA MATORANA, 2008: 160-161; BAZZANA, 2006: 17-18.
 - 44 PENAJOIA, 2014.
 - 45 Como exemplo, (a) "MA(ria)". As devoções das gentes do mar evocam sobretudo a Jesus e Maria (Senhora Nossa). Maria "assume traços cúlticos de mãe carinhosa sendo invocada por marinheiros, pescadores e familiares, por toda a gente, afinal como Senhora da Boa Viagem ou dos Navegantes, Senhora da Guia, do Livramento, da Saúde ou da Soledade. Aos pescadores e suas famílias, estes invocativos ressoam como voto em hora de esperança ou como grito de súplica em horas de tormenta e perigos no mar" (DIAS, 2002: 280-281). Relativamente aos comportamentos coletivos e formas de sociabilidade da Figueira da Foz e Buarcos (nomeadamente religiosos e outros), veja-se CASCÃO, 1998: 461-545).
 - 46 BRANCO; BILLOU, 2011: 7-8.
 - 47 FILGUEIRAS, Octávio Lixa – *A arte da construção no estudo das tradições navais*. Separata de *Studium Generale*, Vol. V, Porto, 1958.
 - 48 RIETH, Eric – Octávio Lixa Filgueiras: um antropólogo de arquitectura naval de vernáculo português in GARRIDO, Álvaro – *Barcos de Portugal – obras seleccionadas de Octávio Lixa Filgueiras*. Ílhavo: Câmara Municipal; Museu Marítimo, 2013, p. 7-15; GRAÇA, António dos Santos – *Inscrições Tumulares por Siglas*. Póvoa de Varzim: Edição do autor, 1942.
 - 49 Neste âmbito pretendemos futuramente realizar um levantamento fotogramétrico a estes grafitos, com o objetivo de criar um modelo 3D, e em que seja possível analisar e divulgar com mais precisão os motivos realizados.
 - 50 Agradecemos à Dr.ª Helena Moura e ao eng.º Paulo Valdez (DRCC) os seus preciosos contributos e diretrizes para a continuidade desta linha de investigação tão pertinente e interdisciplinar. Para além da inclusão desta temática de estudo no património histórico figueirense, parece-nos pertinente o seu alargamento aos conteúdos da candidatura municipal a Geoparque da Unesco. Isto porque a matéria-prima utilizada é obviamente de carácter geológico e de recolha local.